



EM BUSCA DO PRAZER DE LER E DE ESCREVER: CONSIDERAÇÕES SOBRE *O PRAZER DO TEXTO*, DE ROLAND BARTHES

Berta Lúcia Tagliari Feba¹

RESUMO: O trabalho tem como objetivo apresentar *O prazer do texto* (1973), de Roland Barthes, em convergência com os preceitos da Estética da Recepção. Ao longo do livro, Barthes tece explicações sobre o prazer e a fruição provocados pelo texto e vivenciados pelo leitor durante o ato da leitura. Considera-se a interação entre texto e leitor de fundamental importância, pois o caráter plurissignificativo do texto literário leva o leitor a completar os espaços vazios e a pensar sobre o que a obra significa para ele. Assim, o texto tem tantos sentidos quantos leitores houver.

Palavras-chave: prazer do texto, estética da recepção, leitor.

Roland Barthes foi um grande escritor francês. Nasceu em Cherbourg em 1915 e faleceu em Paris em 1980, aos 65 anos de idade, vítima de um atropelamento. Inspirado na linguística de Saussure e em Bloomfield, Barthes fundou a revista *Théâtre Populaire* e trabalhou, também, como diretor de estudos na *École Pratique des Hautes Études*. Forneceu boa parte da base teórica da Nova Crítica e recusou cair nas armadilhas do intelectualismo, trilhando uma trajetória própria. A sua obra, variada e ampla, caracteriza-se, inicialmente, pela reflexão sobre a condição histórica da linguagem literária (*O Grau Zero da Escrita*, 1953) e, posteriormente, a linguística lhe serviu de modelo para a elaboração de uma ciência geral dos signos (*Elementos de semiologia*, 1965; *Crítica e Verdade*, 1966; *Sistema da moda*, 1976). Temos que citar também entre suas obras, *Mitologias* (1957), *O império dos signos* (1970), *O prazer do texto* (1973), *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975), *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977), entre outras.

Em *O prazer do texto* (1996), Barthes estabelece uma filosofia do prazer. O autor trata da apreensão imediata e sensível das coisas, distanciando-se das doutrinas e das linguagens estabelecidas pela ideologia, o que deixa subentendida sua atividade intelectual. Por meio de textos curtos, não-titulados e aparentemente autônomos, Barthes estrutura o livro e leva o leitor a uma reflexão sobre o prazer e a fruição da obra de arte. No ato de ler *O prazer do texto*, Barthes nos guia a convergir outras leituras que fazem parte do nosso conhecimento de mundo, leituras que, para nós, dialogam com as concepções do teórico francês.

¹ Professora da Faculdade de Presidente Prudente, Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá, bertatagliari@hotmail.com

Entre as teorias literárias, talvez a Estética da Recepção, inaugurada em 1967 em Constança, por Jauss, seja a que mais se aproxima do método de análise literária de Barthes. Assim, para enriquecer a leitura do texto de Barthes, tomaremos como base preceitos teóricos de Sartre, Compagnon, Candido e estudiosos difusores da Estética da Recepção que voltam o foco para o leitor, como Iser, Zilberman, Bordini, Lajolo e Aguiar.

No início do texto, Barthes indaga: “quem suporta sem nenhuma vergonha a contradição?” (p. 8) e mostra que é o leitor, sendo um contra-herói, aquele capaz de tolerar acusações de ilogismo, infidelidade, por exemplo, no momento em que se entrega ao prazer da leitura do texto. Fazendo um intertexto com a passagem bíblica da Torre de Babel em que Deus puniu o povo com a confusão das várias línguas, Barthes explica que o leitor chega à fruição do texto através do acesso a múltiplas linguagens. Assim, autor e leitor, por meio de linguagens diferentes, podem habitar o mesmo texto.

Segundo Barthes, um texto lido com prazer significa que foi escrito com prazer. Mas, o prazer de escrever não assegura o prazer do leitor no ato de ler, pois a recepção do texto dependerá de cada um. É preciso haver, então, um jogo entre escritor e leitor, ou seja, faz-se necessário existir um “espaço” (p. 9) de abertura fornecido pelo narrador para a entrada do leitor no texto. Aí reside um dos prazeres do texto, na impossibilidade de o autor prever a leitura que cada pessoa faria do que ele escreveu e, por ser repleto de lacunas (ISER, 1996) supõe um recebedor cuja função é a de entrar em locais diversos e preencher os espaços, renovando e atualizando a obra a cada leitura.

Se o leitor, entretanto, tem acesso a um “texto-tagarelice” (p. 10) não ocorre a fruição. O texto não clama a participação do leitor e este, por sua vez, não tenta ler o que está escrito de um modo diferente ou percorrendo outras vias. De um modo semelhante, Aguiar e Bordini (1988, p. 18) explicam que “a familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler”. Sabemos que a dificuldade para penetrar profundamente na leitura pode ocorrer também pela incapacidade do leitor de interpretar os implícitos do texto, uma vez que “a obra fornece pistas a serem seguidas pelo leitor, mas deixa muitos espaços em branco, em que o leitor não encontra orientação e precisa mobilizar seu imaginário para continuar o contato” (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 82).

Em seus estudos, Jauss (2002) avalia a evolução da recepção da obra ao longo do tempo. Seu intuito é notar como a compreensão de um texto modificou-se em decorrência da emergência de novas concepções. Jauss comenta a manifestação histórica das três funções básicas sobre a experiência estética: *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis* e a relação desta com outras áreas de significação da realidade cotidiana. A *poiesis* representa a técnica narrativa; a comunicação cabe à *katharsis*; e a visão de mundo à *aisthesis*.

A escritura (p. 11) – o modo de escrever para Barthes – é o que desencadeia a fruição da linguagem. A seleção de palavras, o modo de organização narrativa, a construção dos temas são algumas das peculiaridades de cada escritor para exteriorizar os fatores cotidianos e exprimir os pensamentos da humanidade. Para Barthes, “O texto [...] é atópico [...] pelo menos em sua produção” (p. 41), visto que se encontra inserido em um sistema desconjuntado que espera para ser organizado pelo escritor e, posteriormente, pelas inferências do leitor. Assim, não existe uma linguagem específica, mas a linguagem do próprio texto arranjada pelo autor.

Conforme Sartre (1993), um dos principais motivos da criação artística é a necessidade de o escritor sentir-se peça essencial em relação ao mundo. O escritor pode introduzir ordem onde não havia e atribuir unidade à diversidade, formulando os seus próprios critérios para a produção. Desse modo, o que está sendo criado pelo autor parece estar sempre pendente, nunca encerrado ou em definitivo: “o objeto literário [...] só existe em movimento. Para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama leitura, e ele só dura enquanto essa leitura durar” (SARTRE, 1993, p. 35). Nesse sentido, a operação de escrever alude à de ler e, ao construir o texto, o autor somente guia o leitor e deixa brechas para que este possa ir além do que está visível.

De fato, escrever é apelar ao leitor para desvendar o que o escritor empreendeu. Sartre (1993) explica que, enquanto lê, o leitor vai alimentando a imaginação: percebe que pode ir sempre adiante e que é capaz de criar mais profundamente, levando a obra a parecer-lhe inesgotável:

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz [...] Assim, o escritor apela à liberdade do leitor para que esta colabore na produção de sua obra. (SARTRE, 1993, p. 37-39)

Podemos dizer, então, que assim como ler é criar, escrever é revelar e desvendar o mundo, visto que o escritor procura dar aos leitores o prazer estético ou, nas palavras de Sartre (1993, p. 47), a “alegria estética”.

Convidando o leitor a tomar conhecimento do que causa prazer estético durante a leitura, Barthes tece comentários acerca da escritura de alguns autores de renome como Flaubert, Zola, Proust, Balzac entre outros, comparando esse prazer ao prazer erótico e ilustra que a sedução é “a encenação de um aparecimento-desaparecimento” (p. 16). Se revertermos esse preceito à escritura, perceberemos que o escritor também não diz tudo ao seu leitor, deixa espaços para serem preenchidos e enriquecidos com as experiências de leitura de cada um. O que ocorre, na verdade, é uma “revelação progressiva” (p. 17) em que o escritor vai construindo o discurso, página a página, despertando a curiosidade do leitor, levando-o a juntar as peças do enigma e a estruturar a história. Neste ambiente, o

prazer do texto também pode ser, por exemplo, a satisfação em tomar conhecimento do fim da história.

Barthes ressalva que cada leitura demanda um ritmo. Em certos casos, se a leitura encontra-se muito lenta, o leitor salta algumas partes e vai em busca do que lhe interessa. Do mesmo modo, Pennac (1993, p. 167) apresenta a leitura como uma “razão de viver” e explica que foi preciso pular grandes descrições e extensas explicações contidas nos romances densos que lia quando era jovem. Segundo ele, o leitor pode correr, parar, saltar, enfim, agir como quiser no processo da leitura, pois sua atitude diz respeito somente ao texto e a ele mesmo. Caracterizada como um ato solitário, a leitura flui e o prazer dos relatos é marcado pelo ritmo “do que se lê e do que não se lê” (BARTHES, 1996, p. 18).

Assim sendo, Barthes leva-nos a perguntar: o que determinado texto é para cada leitor? Por que ele causa prazer? Por que desperta interesse? Qual é a razão de seu estranhamento? Torna-se pertinente realizar esses questionamentos porque o texto literário tem um caráter plurissignificativo, o que possibilita várias leituras. Se lemos um texto partindo do princípio do prazer, não podemos julgá-lo como sendo bom ou ruim, mas considerá-lo a partir do que ele significa para nós enquanto leitores de uma determinada época.

Segundo Bloom (2001), não existe só um modo de ler, mas uma razão para ler. Para o autor, lemos em busca de prazer e devido à satisfação de interesses pessoais. A fórmula da leitura, então, é “encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser usado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que seja livre da tirania do tempo” (BLOOM, 2001, p. 18). É preciso refletir, assim, até que ponto a obra literária nos diz respeito.

A transitividade do valor da obra literária também é abordada por Candido e Eagleton. Candido (2002) acredita que cada civilização atribui um julgamento a uma obra. As apreciações de um povo podem emergir de uma concepção sociológica, relacionando a obra ao seu meio sócio-cultural de produção. Do mesmo modo, Eagleton (1997) explica, sob um ponto de vista mais histórico, que o valor atribuído a um texto pode ser modificado de uma época para outra e “qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente pode deixar de sê-lo” (EAGLETON, 1997, 14-5), pois os juízos de valor são maleáveis e transitivos.

Para Barthes, “o brio do texto [...] seria a sua vontade de fruição” (p. 21), o que excede a procura, ultrapassa a tagarelice e desenvolve a imaginação do leitor, ou ainda, segundo os preceitos da Estética da Recepção, o que rompe com as expectativas do leitor (AGUIAR; BORDINI, 1988).

O texto que provoca prazer é “aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura” (BARTHES, 1996, p. 21-2). Já o texto de fruição, é “aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta [...], faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de

suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem”. (BARTHES, 1996, p. 22). Partindo desses conceitos, pensamos que o texto que gera prazer é aquele que atende e conforta as expectativas do leitor e o de fruição, diferentemente, rompe com elas, desestabiliza as bases e desfaz estruturas solidificadas.

A reciprocidade entre texto e leitor no processo da criação literária faz do primeiro um “espaço raro da linguagem” (p. 24). Como para Barthes o texto não é marcado por um “diálogo” (p. 24), no qual o escritor é ativo e o leitor passivo, convergimos esse ponto de vista ao de Candido (1995), no momento em que assegura o caráter dialético da literatura. Para ele, a literatura tem exercido, simultaneamente, dois papéis fundamentais na sociedade: tem sido veículo de instrução e tem possibilitado ao homem a convivência com seus problemas, revelando o lado bom e o mau da vida. Dessa forma, a literatura contém os assuntos necessários para a formação da personalidade, segundo o que é vivenciado pelo homem em sua realidade cotidiana.

Esse é o método de estudo de Barthes: até que ponto este texto dá prazer? Segundo o estudioso, há uma ideia de direita voltada para o prazer em que se exclui o que é abstrato, aborrecido e guarda-se o que acomoda. Por outro lado, a concepção da esquerda inclina-se para a fruição, a oposição ao simples encantamento. Para Barthes (1996, p. 31-33),

o prazer é dizível, a fruição não é [...] O prazer [...] não é um elemento do texto, não é um resíduo ingênuo; não depende de uma lógica do entendimento e da sensação; é uma deriva, qualquer coisa que é ao mesmo tempo revolucionário e associial e que não pode ser fixada por nenhuma coletividade. Nenhuma mentalidade, nenhum idioleto.

O prazer do texto é “escandaloso” (p. 33), vai diferir do que é tradicional, do que a sociedade está acostumada a aceitar como padrão.

Barthes pondera que, para o texto, “a única coisa gratuita seria sua própria destruição: não escrever, não mais escrever, salvo do risco de ser sempre recuperado” (p. 34). O texto é recuperado cada vez que é lido. Mas, se ao lê-lo o leitor se distrair, é porque não foi cativado pelo texto de prazer. Afinal, quem nunca percorreu com os olhos linhas e linhas de uma página e descobriu, posteriormente, que não leu nenhuma? O texto precisa cativar o leitor para ganhar atenção. Levar em conta o leitor é considerar que a criação poética possibilita a transmissão de um saber, que pode causar uma transformação pela representação da realidade de um modo original. A leitura, assim, implica na interpretação do texto e do mundo escondido atrás dele.

Devido ao efeito polissêmico do texto, Barthes considera duvidoso o engajamento do escritor por ser um “joguete” (p. 47) dos movimentos da história. Apesar disso, o autor sempre tem uma intenção ao escrever, sendo que a

organização de suas palavras pode causar uma reação no leitor diferente daquela que foi presumida. Por isso, concordamos com Compagnon (2001, p. 67) ao dizer que o leitor é o critério da significação literária, tendo um texto, tantos sentidos quanto leitores, uma vez que “o texto é prisioneiro de sua recepção aqui e agora”.

De acordo com Barthes, “O prazer do texto não tem preferência por ideologia” (p. 43). A unidade moral é transbordada do processo da leitura e as forças contrárias do texto de prazer não são maniqueístas; nada é adversativo, mas “plural” (p. 43). A ideologia se faz presente na escritura, no entanto, segundo Barthes, não impede que o leitor continue lendo o texto. “Alguns querem um texto [...] sem sombra, cortada da “ideologia dominante”; mas é querer um texto sem fecundidade” (p. 44) porque existe um contexto de produção, um modo de pensar que perpassa a composição do texto e um momento histórico em que o autor se encontra no ato da escrita. Há, então, uma ressonância do transcorrer do tempo na qual o escritor luta com as palavras e quer criar novas construções linguísticas, porque “A linguagem que eu falo em mim mesmo não é de meu tempo; está exposta, por natureza, à suspeita ideológica” (p. 54).

Neste sentido, a avaliação que fazemos do mundo depende do que é antigo e do que é novo. Barthes afirma que a “linguagem se torna antiga desde que é repetida” (p. 55) e para escapar da alienação da sociedade atual é preciso inovar. Instâncias como a escola e o texto de massa expõem uma linguagem de reprodução que repete as mesmas palavras para a manutenção do poder. Sob este prisma, Barthes pontua que a fruição é o novo, o sentimento vanguardista e “O estereótipo é a palavra repetida” (p. 57).

Barthes comenta daquele leitor que se identifica com o texto, que mesmo sabendo que está diante de simples palavras, emociona-se “como se essas palavras enunciassem uma realidade” (p. 63). Isso ocorre na medida em que o leitor dialoga a leitura com suas experiências reais, quando vê a realidade representada no texto. Muitas vezes, o escritor tem a capacidade de levar o leitor a duvidar se os fatos lidos são fantasiosos devido à grande verossimilhança que o texto espelha. O leitor lê e fica conhecendo a história. Faz uma releitura e, embora sabendo o final, continua vivendo o prazer como se não soubesse de coisa alguma. Certas vezes, lê o mesmo texto várias vezes na tentativa de esgotamento, de vivenciar o mundo da obra literária por completo. Mas, como sabemos, essa façanha não é permitida pela arte literária para, assim, possibilitar ao leitor novas leituras e diversas experiências estéticas.

O texto quer dizer “tecido” (p. 82) para Barthes. O leitor se perde nesse tecido como “uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia” (p. 83). O tecido pode significar os vários sentidos ocultos produzidos pelo texto mas, neste momento, Barthes utiliza a metáfora do tecido para expressar que o texto se produz em um entrelaçamento contínuo. O leitor mergulha nessa rede e constrói novas idéias a partir do diálogo permanente com o texto, além de

organizar o que ficaria no caos sem a literatura. Conforme Lajolo (1982, p. 43), a literatura

não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporando como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um.

Assim, se fosse possível criar uma estética do prazer, Barthes confessa que incluiria “a escritura em voz alta” (p. 85). A história é contada e transportada pela voz que, segundo Barthes, é uma mistura do timbre e da linguagem. Procura-se não a articulação da linguagem, mas a beleza sonora das vogais somadas às das consoantes para que a escritura seja flexível, vibrante, requintada e de porte o significado. Essa é a matéria da arte, “a arte de conduzir o próprio corpo” (p.86). Isso é o que leva à fruição.

Como vemos ao longo do nosso estudo, o esforço de Barthes consiste em fazer do texto “um objeto de prazer como os outros” (p. 76). O que importa para ele é igualar os prazeres, abolir a oposição entre a prática e a vida contemplativa, desejando que no texto sejam entrelaçadas todas as fruições, tanto da vida quanto do texto. Sendo uma referência para aqueles que se interessam pelo estudo da literatura e das linguagens, Barthes é um escritor versátil: tratou da linguística, da moda, dos mitos. Devido ao seu ecletismo, é lido por historiadores, sociólogos, políticos e todos aqueles que se preocupam com a comunicação, como professores e jornalistas. Em *O prazer do texto* pudemos habitar em um local múltiplo, organizado sob diversos temas e a partir de enunciados sem muita ordem. A cada momento Barthes tentou definir para nós o *prazer* e a *fruição*, mas manteve-se flexível, expondo ora um prazer extensivo à fruição ora opositivo. E, em se tratando de Barthes, contemplamos o intertexto: “a impossibilidade de viver fora do texto infinito” [...] (p. 49). Na medida em que “o livro faz o sentido, o sentido faz a vida” (p. 49), pois é uma “lembrança circular” (p. 49). Assim, sentindo prazer em ler Barthes, mergulhamos em inúmeras possibilidades da linguagem e do contexto que nos cerca.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. (1973)
- BLOMM, Harold. *Como e por que ler*. Tradução José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Berta Lúcia Tagliari Feba

EM BUSCA DO PRAZER DE LER E DE ESCREVER: CONSIDERAÇÕES SOBRE *O PRAZER DO TEXTO*, DE ROLAND BARTHES

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. 8. ed. 1. reimp. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kreschmer. São Paulo: 34, 1996. v.1
- JAUSS, Hans Robert. et. al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. rev. amp. Tradução, seleção e coordenação Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é a literatura?* Tradução Carlos Felipe Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ABSTRACT: The purpose of this study is to present *The Pleasure of the Text* (1973) reading, by Roland Barthes, in convergence with Reception Theory. Throughout the text, Barthes foments explanations about pleasure and enjoyment, which processes are stimulated by the text and lived by the reader during reading act. This study considers the interaction between text and reader a very important operation, because the literary text multi-meaningful character leads the reader to complete the gaps and think about what that text means to him. For this reason, the text gathers as many meanings as readers it has.

Key-words: pleasure of the text, Reception Theory, reader

Recebido em 30 de outubro de 2009; aprovado em 25 de novembro de 2009.